

**O PSICODRAMA DE GRUPO E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA:
VÍNCULOS EM CENA**

**GROUP PSYCHODRAMA AND CHEMICAL DEPENDENCY:
BONDS ON THE SCENE**

**EL PSICODRAMA DE GRUPO Y LA DEPENDENCIA QUÍMICA:
VÍNCULOS EN ESCENA**

Marieli Mezari Vitali ¹
Katiussa Aparecida Gambin ²
Viviane Oliveira de Almeida ³

RESUMO: O presente estudo é um recorte de uma pesquisa que buscou analisar como o psicodrama de grupo pode auxiliar no processo de reabilitação psicossocial dos dependentes químicos. A sessão abordada neste artigo contemplou a investigação dos vínculos familiares. A sessão foi realizada com 6 usuários do Centro de Atenção Psicossocial para álcool e outras drogas e evidenciou a relevância do psicodrama de grupo para o desenvolvimento de papéis, e a necessária delimitação destes à resolução de conflitos no âmbito familiar.

Palavras-chave: Psicodrama de grupo; Dependência química; Vínculo.

ABSTRACT: The present study is an excerpt from research that sought to analyze how group psychodrama can assist in the psychosocial rehabilitation process of drug addicts. The session covered in this article included the investigation of family ties. The session was held with 6 users of the Psychosocial Care Center for alcohol and other drugs and highlighted the relevance of group psychodrama for the development of roles, and the necessary delimitation of these to resolve conflicts within the family.

Keywords: Group psychodrama; Chemical dependency; Bond.

RESUMEN: Este estudio es un fragmento de una investigación que buscó analizar cómo el psicodrama de grupo puede contribuir al proceso de rehabilitación psicossocial de personas con dependencia química. La sesión abordada en este artículo se centró en la exploración de los vínculos familiares. Se llevó a cabo con 6 usuarios del Centro de Atención Psicossocial

¹ Contato principal para correspondência editorial. E-mail: marielizari@gmail.com

² E-mail: katiussagambin@gmail.com

³ E-mail: viviane0101@hotmail.com.

para el alcohol y otras drogas, y destacó la relevancia del psicodrama de grupo para el desarrollo de roles y la necesaria delimitación de estos en la resolución de conflictos dentro del ámbito familiar.

Palabras clave: Psicodrama de grupo; Dependencia química; Vínculo.

INTRODUÇÃO

O viés da reabilitação psicossocial aplicada à saúde mental emergiu inicialmente no campo dos transtornos psíquicos mais graves, não especificamente no campo da dependência química. A literatura existente sobre estes temas refere-se a uma realidade que nem sempre converge com o que se observa entre os dependentes químicos. Como aponta Bonadio (2010), trata-se de uma população com autonomia mais preservada quando comparada à indivíduos diagnosticados com transtornos psíquicos graves. Observada tal carência epistemológica, este trabalho agregará material teórico e científico ao supracitado assunto, a partir do uso do Psicodrama de Grupo.

A teoria do Psicodrama foi eleita para a investigação deste estudo, uma vez que emerge uma visão de homem transformador de sua realidade social e de si. O indivíduo, mesmo no aprisionamento da dependência química, possui os recursos inatos de resiliência: espontaneidade e criatividade. Sob essa ótica, o Psicodrama coloca-se como um saber que vem estimular a saúde sem se fixar em estratégias higienistas, buscando a transformação a partir do potencial dos grupos e ação coletiva (Morin & Hadler, 2013).

A presente pesquisa, ao utilizar como método o psicodrama de grupo, possibilita que, com a escolha de um protagonista, não apenas este usufrua terapêuticamente da cena dramática. Todos os demais membros presentes no contexto da sessão beneficiam-se mutuamente, uma vez que, como sujeitos, consolidam sua existência no meio em que vivem, singularizando-se e homogeneizando-se. Ainda, por colocar em foco a pessoa em sua totalidade, num contexto sociocultural, insere o psicodrama de grupo como proposta terapêutica no processo de reabilitação psicossocial. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma sessão de psicodrama de grupo com o tema protagônico vínculos familiares, realizada com participantes diagnosticados com dependência química.

METODOLOGIA

Este estudo se constituiu como uma pesquisa qualitativa, na modalidade relato de experiência. Os participantes foram 6 usuários do Centro de Atenção Psicossocial para álcool e outras drogas (CAPS II ad) do município de Criciúma, Santa Catarina, com idades entre 34 e 57 anos. Os participantes foram diagnosticados com dependência química, dos quais cinco sujeitos possuem o diagnóstico referente à dependência de múltiplas substâncias psicoativas e um sujeito possui diagnóstico alusivo à dependência de álcool. Além disso, foram atribuídos nomes fictícios aos participantes a fim de garantir o sigilo quanto à identidade dos participantes.

O presente relato de experiência é um recorte de uma pesquisa que teve como objetivo compreender como o psicodrama de grupo pode auxiliar no processo de reabilitação psicossocial dos dependentes químicos, realizada em 6 sessões. O atual trabalho foca no terceiro encontro, em que foram trabalhados os vínculos familiares. Essa sessão foi escolhida por contemplar a significância da teoria dos papéis para o alcance da reabilitação psicossocial na dependência química.

A sessão seguiu as etapas de uma sessão de psicodrama de grupo: aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhar; e os instrumentos utilizados foram protagonista, diretor, ego-auxiliar, público e cenário. A análise da sessão foi ancorada na literatura acerca do Psicodrama de grupo, Teoria de Papéis e Dependência química.

Relato da sessão: Dividido e, então, inteiro

Com base no aquecimento da sessão, voltado à temática das relações familiares, os participantes trouxeram angústias vivenciadas no ambiente familiar, sobressaindo-se o distanciamento e as relações conflituosas. Tais aspectos evidenciam que os entraves psicossociais são fortemente evidenciados no quadro psiquiátrico da dependência química. Sendo que esses entraves podem ser ocasionados ou acentuados pelos efeitos da substância (American Psychiatric Association, 2014).

O grupo mobilizou-se com a demanda de Joaquim, sendo este o nomeado para protagonizar: *“Vivo com duas pessoas. Vivo dividido entre as duas porque elas vivem*

brigando, não sei o que fazer'. Então Joaquim, a pedido da diretora, traz maiores informações acerca do seu conflito:

Sou casado com a Eva e hoje meu filho Bruno de 28 anos mora com a gente; A Eva é a madrasta dele. Eles brigam o tempo todo. Fico dividido no meio dos dois. Não quero tomar partido, quero que fiquem bem.

Joaquim escolhe dois egos-auxiliares do grupo: um para representar Eva e, o outro, Bruno (nomes fictícios). A fim de levantar informações sobre o conflito, Joaquim toma o papel da esposa Eva para trazer informações. Joaquim no papel da esposa:

O Bruno quer as coisas tudo de graça, quer explorar o pai. Eu não concordo com isso, então a gente discute. O João tem medo que o filho se meta com drogas e morra por isso como aconteceu com o Fernando, o outro filho dele. Ai ele dá tudo que o Bruno quer.

A inversão de papéis proporcionou que Joaquim vivenciasse o papel de seus familiares, bem como, trouxesse elementos sobre seu próprio papel. Cukier (2018) afirma que o terapeuta, utilizando a técnica da entrevista no papel, auxilia a compor o personagem e a empatizar com ele. Na continuidade da cena, o ego no papel do filho Bruno intervém: *“O pai tem a obrigação de me sustentar, dava de tudo pro meu irmão que morreu, agora vai ter que me dar também”*.

Joaquim, chorando: *“Eu não quero perder outro filho. Faço de tudo pro Bruno pra ele não procurar refúgio nas drogas como o Fernando. Não aguento perder outro filho”*.

É possível identificar que o protagonista estabeleceu uma relação transferencial para com o filho Bruno, baseando-se nas premissas sofríveis com o filho mais velho (Fernando), sendo que *“a transferência é a patologia da tele”*, uma distorção advinda de experiências passadas (Milanello, 2005, p. 40). Estas experiências provenientes do passado, no caso de Joaquim, a morte de um filho devido ao envolvimento com drogas, subsidiaram a relação transferencial com o filho Bruno, em que um filho que não tem aquilo que deseja, irá recorrer às drogas e, também, morrerá.

Joaquim escolhe um membro do grupo para representar seu filho falecido e toma o papel deste.

Diretora: *“Fernando, teu pai ainda sente muita tua falta e, junto a isso, muito medo de que aconteça com o Bruno o mesmo que aconteceu contigo”*.

Joaquim, no papel de Fernando: *“É, ele é muito apegado aos filhos, ele que sempre criou nós, desde que separou da mãe. Sempre foi assim, dá tudo que pode”*.

Diretora: *“Entendi, mas mesmo ele sempre dando de tudo, você foi para o caminho das drogas e morreu nesse mundo, é isso?”*

Joaquim, no papel de Fernando: *“Sim, ele sempre me avisava, me aconselhava, mas eu era novo, não ia escutar ele”*. Joaquim volta ao seu papel.

Ego Fernando/filho: *Pai, mesmo que tu me desses de tudo, me sustentasse, não ia me parar... O senhor também sabe como é essa situação das drogas. Eu tinha que querer parar, dependia de mim e não só de você...”*

Joaquim, chorando: *“Eu fiz tudo que podia, mas eu sempre acho que poderia ter feito algo a mais pra te salvar..., Mas tu eras teimoso mesmo, não ia me escutar”*.

Ego Fernando/filho: *“Não ia mesmo. Não foi tua culpa”*.

O ego auxiliar, por sua vez, trabalhou de forma terapêutica a Joaquim. Telicamente, como filho Fernando, mostrou ao protagonista suas limitações enquanto pai. Assim sendo, o ego-auxiliar, como um co-terapeuta, vem em benefício do protagonista, uma vez que é ator, auxiliar do protagonista e observador social (Gonçalves, Wolff, & Almeida, 1988). Ego Fernando, no papel de filho:

O pai é bom demais, filho tem que aprender a se virar porque pai não é eterno. Tem que dizer não também. O pai sempre foi muito bom pra nós. A gente se sente seguro porque ele dá de tudo. Mas é aquela coisa, a gente não se preocupa muito com as consequências porque ele sempre dá um jeito em tudo, nunca diz não.

Cabe elucidar, neste momento, acerca da conserva cultural norteadora do funcionamento de Joaquim em relação aos filhos: ser um pai que sustenta, que agrada, que facilita o cotidiano dos filhos, para que assim não usem drogas. Indubitavelmente, Joaquim aderiu a esta conserva como uma maneira de prevenir algo que lhe causa sofrimento. A fim de atender à insegurança humana – prevenir o imprevisto, conservando as velhas respostas – as conservas culturais possuem duas finalidades: auxiliar em situações ameaçadoras e possibilitar a continuidade da herança cultural (Martín, 1996).

A conserva balizadora de Joaquim na situação supracitada pode ser justificada pelo fato de que, comumente, frente às vivências que não conseguem ser elaboradas e

transformadas, muitos sujeitos recorrem às drogas como fuga, tornando-se vulneráveis à instalação da dependência (Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, 2014).

Nesse diálogo entre Fernando e Joaquim, a diretora fez uso da realidade suplementar, em que se permite ao sujeito dramatizar aquilo que não aconteceu, a fim de, no processo psicoterápico, conhecer os significados dessa realidade para o indivíduo (Gonçalves, Wolff, & Almeida, 1988). Joaquim necessitava viver isso no “como se”, a fim de compreender seu papel de pai e as limitações inerentes a esse papel.

A diretora retoma a cena inicial e Joaquim fala para Eva: *“Para de me pressionar. Tu tens muitas coisas pra se preocupar; tem bastante problema de saúde. Não pode ficar se estressando. Não vai mais sobrar só pra ti ficar cobrando as coisas dele”*.

Joaquim para Bruno: *“Tá na hora de tu criar juízo, tá na hora de arrumar um emprego e ajudar. Quero um futuro bom pra ti, vou ter que ser um pouco mais rígido. Mesmo que tu fiques triste, vai ser pro teu bem”*.

Diretora: *“Você sempre foi muito presente na vida dos seus filhos, fez até o papel de mãe muitas vezes. Mas, ele também precisa do seu papel de pai. Como está se sentindo?”*

Joaquim: *“Acho que mais leve”*.

Após as tomadas de papéis, saindo de seu papel e vislumbrando novas percepções, Joaquim faz uso de sua capacidade espontânea, elaborando uma nova e adequada forma de agir nas relações. De acordo com as projeções teóricas, a espontaneidade é a capacidade de agir de maneira adequada frente às situações, catalisadas conforme as experiências (Moreno, 2008), cria-se então uma resposta nova, renovadora ou transformadora (Gonçalves, Wolff, & Almeida, 1988).

O protagonista, por meio da resposta espontânea e criativa, percebeu a necessidade da adaptação/evolução do seu papel de pai e esposo. O papel, conforme Milanello (2005), é inerente às interações e é uma maneira de comunicação com o mundo, uma vez que se relaciona com o contra papel, a outra esfera do vínculo. Joaquim visualiza, pois, que ao desempenhar – de maneira inovadora e adequada – seu papel de pai, os contra papéis (esposa e filho), se beneficiariam mutuamente, amenizando seu conflito inicial: sentir-se dividido.

Ao final, muitos participantes compartilharam com o protagonista suas vivências no papel de pai (principalmente sobre a importância de estimular a autonomia dos filhos).

Murilo, não sendo pai, trouxe sua dificuldade no papel de filho (gostaria de mais afeto). O grupo vislumbrou a significância de posicionar-se em tais relações de acordo com aquilo que o contra papel necessita verdadeiramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange aos vínculos familiares, o psicodrama de grupo contribuiu significativamente para a delimitação de papéis, bem como, estimulou a espontaneidade e criatividade nas situações familiares conflitivas, a partir da identificação de relações transferenciais que dificultavam o aqui-agora das relações. O tema proposto insere o psicodrama de grupo como uma possibilidade enriquecedora no manejo e aplicabilidade da reabilitação psicossocial dos sujeitos dependentes químicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

Bonadio, A. N. (2010). *O processo de reabilitação psicossocial de dependentes químicos: estudo qualitativo em uma residência terapêutica* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/10010?show=full>

Cukier, R. (2018). *Vida e clínica de uma psicoterapeuta*. São Paulo: Ágora.

Gonçalves, C. S., Wolff, J. R., & Almeida, W. C. (1998). *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno* (5a ed.). São Paulo: Ágora.

Martín, E. G. (1996). *Psicologia do encontro: J. L. Moreno*. São Paulo: Ágora.

Milanello, M. (2005). *Moreno e Winnicott: aproximações* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1345

Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama*. São Paulo: Daimon.

Morin, P. V., & Hadler, O. H. (2013). *Mosaico de vidas: reflexões sobre sociopsicodramas na*

saúde coletiva. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 55-66. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932013000100005

Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas. (2014). *Prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias* (6a ed.). Brasília: SENAD-MJ/NUTE-UFSC.